

O QUE É ESTILÍSTICA? COMO E PARA QUE SE FAZ?

Loar Chein Alonso
UFRGS

O objetivo deste artigo é tentar definir o que entendemos por estilística da língua inglesa como língua estrangeira (L2) enquanto uma disciplina do curso de Letras da UFRGS, seu conteúdo programático, a abordagem teórica utilizada e a sua contribuição para a formação de futuros profissionais na área de tradução e interpretação.

1 — O QUE É ESTILÍSTICA?

Em princípio devemos deixar claro que nosso objetivo não é conceituar o termo em si, mas tentar definir em que consiste uma disciplina assim denominada. Outras perguntas que poderiam ser feitas mas que fogem, no momento, ao escopo deste artigo é o porquê de tal denominação, isto é, por que estilística e não análise do discurso ou análise contextual em línguas estrangeiras.

Fazendo um rápido retrospecto, diríamos que a disciplina foi concebida a partir das idéias propostas por Crystal e Davy em seu livro intitulado **Investigating English Style** (1969), cujas idéias principais constituem até hoje o suporte teórico básico em estilística da língua inglesa como L2.

Em 1969, Crystal e Davy assim se pronunciavam a respeito das diferentes variedades da língua inglesa:

«A língua inglesa não é um fenômeno homogêneo em absoluto, mas sim um complexo das diferentes variedades dessa mesma língua em uso». Continuava dizendo que cada falante nativo do inglês era na verdade «multilíngüe», pois no curso do seu aprendizado — agora se fala em aquisição da linguagem — havia encontrado diferentes tipos de inglês e havia aprendido a usá-los, isto é, sabia adequar a linguagem ao uso, à situação de fala. Na época, isto representava um avanço em termos de ensino de uma L2. Visto que as idéias de Crystal e Davy foram definitivas para a criação da disciplina, permito-me citá-los novamente:

«O aluno de inglês com L2 é o que mais sofre a esse respeito. Ele precisa ser conscientizado das diferenças entre as variedades mais e menos comuns de comportamento lingüístico, bem como das alternativas que ele tem a seu dispor em determinadas situações; ele também precisa saber reagir adequadamente às diferentes situações verbais. Ele precisa desenvolver uma noção de estilo».

Para Crystal e Davy, estilo eram as diferentes variedades¹ da língua inglesa; por isso, os programas deveriam ser organizados de forma a «ensinar as variedades que ele teria de usar com maior frequência», de sorte que não fosse obrigado, por falta de conhecimento, a utilizar sempre a mesma variedade, por exemplo, inglês conversacional na redação de um documento oficial.

Uma vez decididos a organizar um programa dessa natureza, nos deparamos com problemas que exigiam a adoção de critérios claros para sua resolução. Precisávamos decidir sobre:

- que variedades incluir no programa;
- que critérios adotar para distinguir uma variedade da outra;
- que aspectos lingüísticos levar em consideração a fim de distinguir subvariedades de uma mesma variedade;
- que metalinguagem utilizar;
- que suporte teórico adotar para que pudéssemos fazer uma análise objetiva que nos permitisse: a) descobrir e descrever de forma sistemática os aspectos lingüísticos considerados estilisticamente significativos; e b) organizar e classificar esses aspectos de modo a evidenciar a estrutura interna da variedade em análise.

Tomamos como pressuposto básico da disciplina que o aspecto estilístico mais importante é aquele que: a) ocorre com maior frequência dentro de uma variedade; e b) aquele que logicamente é menos compartilhado pelas outras variedades. Estamos ainda à procura de uma definição de estilo.

Para Crystal e Davy a estilística é o estudo sistemático e objetivo do conhecimento intuitivo que o falante nativo utiliza para adequar a linguagem às diferentes situações comunicativas.

Erwin-Tripp (1972) define estilo como escolhas co-ocorrentes em vários níveis da estrutura lingüística. Essas escolhas se devem às regras de co-ocorrência a nível sintagmático e às regras de alternância a nível paradigmático. As primeiras produzem estilos identificáveis, as segundas tornam possível a alternância de estilos.

Para Gumperz e Tannen (1979) o estilo é essencialmente a resposta do falante à sua audiência. O estilo, isto é, o uso preferencial de alguns itens lingüísticos, indica como um proferimento deve ser entendido.

Para nortear nosso trabalho tomamos como definição básica de estilo o conjunto de escolhas que cada falante faz em relação ao que lhe é permitido pelas regras da sua língua. Essas escolhas são, em parte, uma questão de preferência pessoal — o que define o estilo individual — e, em parte, uma questão de adequação à situação comunicativa em que o falante se encontra.

É importante que explicitemos o que entendemos por situação comunicativa ou contexto. Para nós, a noção de contexto inclui a identidade do falante e do ouvinte, isto é, sexo, idade, relações de poder, relações de proximidade ou distância, tópico ou assunto e local onde se desenvolve o ato comunicativo. Como restringimos nosso trabalho à análise da linguagem escrita ou transcrita, não levamos em consideração o que se chama «discourse medium».

Acredito ser agora possível definir estilística como aquela disciplina que estuda algumas variedades da língua inglesa como L2 a partir de um suporte teórico que permite ao aluno reconhecer e classificar de forma sistemática e objetiva os aspectos estilísticos que distinguem as variedades entre si, bem como as subvariedades de uma mesma variedade, isto é, diferentes níveis de formalidade e informalidade.

2 — COMO?

Essa pergunta será respondida em duas etapas: na primeira etapa descreveremos a proposta de Crystal e Davy, e na segunda, descreveremos o que fazemos a partir das adaptações à proposta inicial.

A abordagem proposta pelos autores consistia na análise de um texto representativo de uma dada variedade em vários níveis inter-relacionados, a saber, o nível fonético e o grafético,

o nível fonológico e grafológico, o nível gramatical, o lexical e o semântico.

a) Nível fonético/grafético³

No nível fonético estuda-se o potencial vocálico humano e seu correspondente gráfico, por exemplo determinados sons, como o falar ofegante e o sussurrar, produzem efeitos estilísticos semelhantes em línguas diferentes. Da mesma forma, a representação gráfica desses sons através da escolha de tipos (simples ou em negrito, letras maiúsculas ou minúsculas), disposição no papel, cores neutras ou berrantes, embora fatos essencialmente não lingüísticos, poderão ter implicação lingüística e estilística.

b) Nível fonológico/gráfico

A análise a nível fonológico nos permite identificar padrões de ritmo e entoação, acentuação, significado de pausas, acentos regionais, idade, sexo e algumas vezes a ocupação e o status do interlocutor.

Muitas variedades podem ser estilisticamente identificadas a nível fonológico, um sermão de um discurso político. As subvariedades também podem ser identificadas, a conversa entre mãe e bebê em relação a uma conversa entre namorados.

A análise gráfica nos permite fazer descobertas semelhantes a partir da representação escrita desses aspectos, independentemente do assunto abordado. Por exemplo, palavras grafadas erradamente para da indicação da escolaridade ou status do interlocutor; ou então para dar indicação da região de origem do falante ou autor do texto. O exemplo abaixo nos dá indicação da época em que o texto foi escrito apenas pela grafia das palavras: «paiz», «victimas» e «attender».

«Não há no paiz quem não queira a emancipação da escravatura. A escravidão é um grande mal que somos victima por herança, mas não se pode acabar com o mal produzindo outro maior, porque além de attender grandes questões econômicas e sociais há um outro principio maior: o moral».

É óbvio que o tema também contribui para essa indicação, mas se substituíssemos as palavras «da escravatura» por «trabalhador», e «escravidão» por «trabalho não remunerado» ainda assim obteríamos a mesma indicação de época.

c) Nível gramatical

Neste nível, Crystal e Davy sugerem basicamente o estudo da estrutura interna das orações e dos elementos de liga-

ção entre as orações. As orações são classificadas em completas e incompletas. Uma oração incompleta é a oração que foi interrompida pelo próprio falante ou então por seu interlocutor.

As orações completas são subdivididas em maiores e menores. As orações maiores apresentam todos os elementos exigidos pela sintaxe de uma dada oração, isto é, sujeito (S), predicado (P), objeto direto ou indireto (C), advérbio (A) e vocativo (VOC). As orações menores se caracterizam pela elipse de um destes elementos obrigatórios que são resgatados pelo contexto visual ou pelo conhecimento anterior ou compartilhado pelo falante e ouvinte.

Um exemplo de oração maior seria:

Eu dei o livro a Pedro.

Uma oração menor apresentaria a elipse de um ou mais destes elementos:

Eu dei.

Eu.

O livro.

A Pedro.

Um outro tipo de oração menor é a subordinada que aparece graficamente como independente da oração principal. Este tipo é bastante característico da linguagem de propaganda. Por exemplo, uma cena em que aparece alguém embarcando num avião da Varig acompanhada apenas dos seguintes dizeres: «Por que me sinto em casa».

d) Nível lexical

Nesse nível analisa-se o porquê das escolhas lexicais: por que palavras simples, compostas, gírias, clichês, expressões idiomáticas, adjetivos mais ou menos neutros, mais ou menos tendenciosos, sufixação, neologismos, empréstimos e «nonce formations». «Nonce formations» são palavras criadas pelo autor ou falante para produzir um efeito estilístico restrito ao texto ou momento da fala e, portanto, distinto do neologismo cujo uso já se encontra em processo de difusão.

Como exemplo, podemos citar a sigla DINKs (Time, 20.4.87) e seus derivados U-DINK L-DINKs, U-DINK style 9

e DINK dom para significar, respectivamente, um casal sem filhos e com excelentes empregos, casais de «classe alta», casais de «classe baixa», um estilo de vida desses casais de «classe alta» e finalmente um estado de vida. O autor do artigo ainda prevê a formação de outras siglas como TIPS, casais de «baixa renda» com filhos pequenos, e NINKS, casais «sem renda» e sem filhos.

e) Nivel semântico

Este termo é usado de forma idiossincrática pelos autores para indicar considerações que devem ser feitas ao significado do texto como um todo, ao desenvolvimento temático e ao emprego de figuras de retórica.

2.1. Como fazemos em aula?

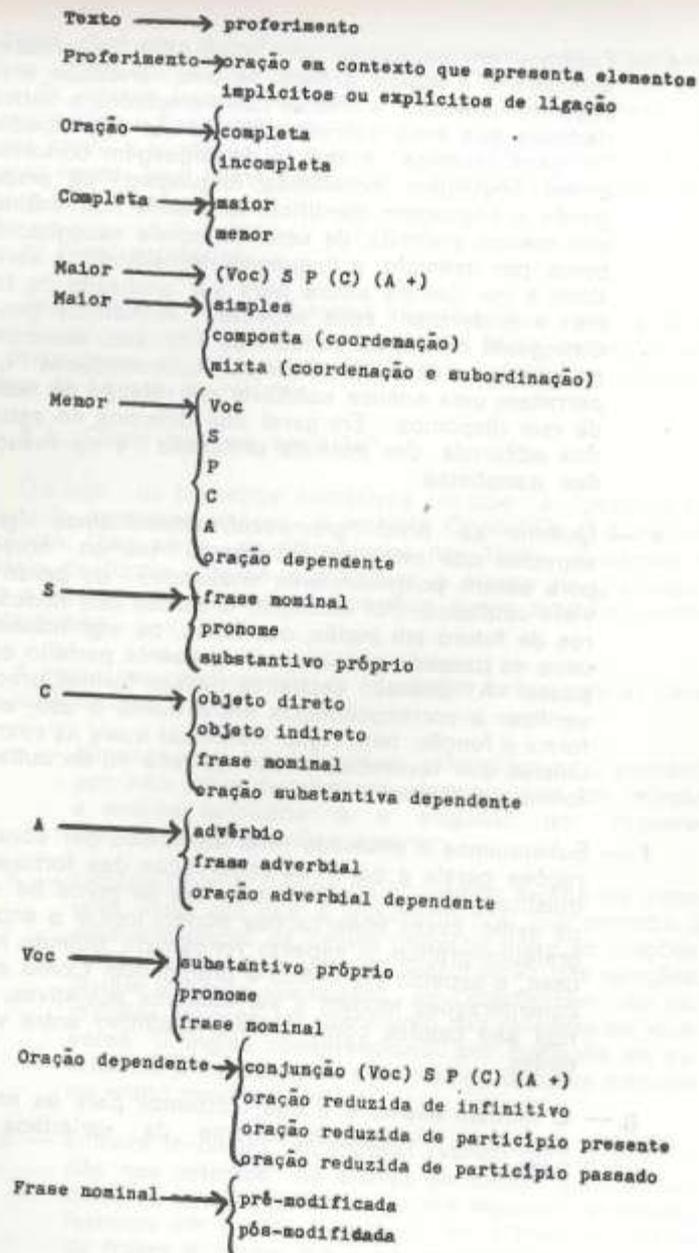
Durante os primeiros semestres em que a disciplina foi oferecida, tentamos aplicar o modelo Crystal-Davy conforme proposto. Uma série de dificuldades nos levou a adaptar o modelo de forma a torná-lo acessível a alunos de graduação sem o treinamento lingüístico específico que o modelo anterior pressupunha.

A seguir, apresentaremos as alterações feitas com as devidas justificativas:

- a — Eliminamos o nível fonético e fonológico; o primeiro por não estar devidamente desenvolvido em relação à análise estilística e o segundo por requerer treinamento específico anterior.
- b — Limitamo-nos à análise da linguagem escrita ou transcrita, uma vez que a linguagem oral não permitia o estabelecimento de limites precisos entre as orações, limites estes vitais para a classificação das orações, já que algumas variedades se caracterizam ou por orações maiores em detrimento das menores ou vice-versa. O inglês conversacional, por exemplo, se caracteriza principalmente pelo uso de orações menores ou então maiores simples.
- c — Embora tenhamos um modelo teórico para a análise, não nos detemos na análise de todos os itens em todos os textos. Por exemplo, em algumas variedades fazemos um estudo exaustivo da elipse, em outras de frases nominais pré e pós-modificadas, em outras fazemos o estudo de coesão e coerência.

d — Fazemos um estudo teórico introdutório no primeiro semestre e a análise prática de uma variedade, e no segundo semestre, a análise das variedades e subvariedades que mais interessam ao grupo em especial. Em geral fazemos a análise de linguagem conversacional, linguagem jornalística, linguagem de propaganda e linguagem científica. A prática nos ensinou que mesmo partindo de uma variedade reconhecida, como, por exemplo, a linguagem jornalística, a variedade é por demais ampla para ser analisada de forma a evidenciar seus aspectos estilísticos que a distinguem de outras variedades. Por isso, selecionamos aprioristicamente aquelas subvariedades que permitem uma análise confiável em relação ao tempo de que dispomos. Em geral nos detemos no estudo dos editoriais, das notícias principais e na redação das manchetes.

- e — Quanto ao nível gramatical, selecionamos alguns aspectos que merecem tratamento teórico anterior para serem posteriormente analisados do ponto de vista estilístico. Por exemplo, o estudo dos marcadores de futuro em inglês, ou, então, os significados e usos do passado simples e do presente perfeito composto. A análise estilística dessas formas procura verificar a correspondência entre teoria e uso, entre forma e função, bem como identificar quais as circunstâncias que favorecem o uso de uma ou de outra de forma significativa.
- f — Substituímos o chamado nível semântico por considerações gerais a partir da observação das formas lingüísticas consideradas importantes do ponto de vista de estilo. Essas observações podem incluir o aspecto grafético/gráfico, o aspecto fonológico, quando for o caso, o aspecto semântico e pragmático. Como essas considerações tendem a ser bastante subjetivas, elas não são usadas como critério distintivo entre variedades.
- g — O modelo abaixo é o que utilizamos para os nossos exercícios, independentemente da variedade em análise.



3 — PARA QUÊ?

Esta parte deve ser lida como uma conclusão, já que as respostas à pergunta devem ter ficado explicitadas ao longo do artigo.

Para que serve a estilística em língua inglesa como L2 da forma como foi concebida e como é desenvolvida? De uma forma ideal, ela serviria para:

- expor o aluno, de maneira sistemática e objetiva, às diferentes variedades de inglês como L2;
- dar ao aluno o suporte teórico necessário que lhe permita reconhecer e classificar os aspectos estilísticos que caracterizam uma determinada variedade;
- proporcionar ao aluno a oportunidade de reproduzir e usar diferentes variedades de inglês como L2;
- ajudar o aluno a enxergar o que fica por trás da oração e além da oração, isto é, as regras da língua que permitem o uso criativo da mesma, e as regras da conversação que permitem implicar além daquilo que foi dito.
- desenvolver a sensibilidade lingüística dos futuros tradutores intérpretes de tal forma que possam sentir e identificar as diferenças de níveis e questões de adequação na L2, como o fazem ou deveriam fazê-lo na sua língua materna.
- conscientizar o futuro intérprete que uma interpretação ideal deverá levar em conta questões de adequação ao contexto, já que as regras de uso na L2 nem sempre são as mesmas da L1.

Tanto quanto a experiência nos tem permitido observar, a disciplina parece ter vindo ao encontro da necessidade que os alunos em geral sentem, embora nem sempre a expressem, de entender e racionalizar o que se passa por trás dos «bastidores lingüísticos» de uma L2, isto é, como funciona a língua em relação aos seus diferentes usos, fatores que determinam as diferentes escolhas, os diferentes significados de uma mesma forma, as diferentes funções de uma mesma forma. Tanto quanto nos tem sido possível, temos procurado ajudar o nosso aluno a entender e praticar essas variedades como parte de um todo harmonioso que se diferencia, no momento adequado, para cumprir sua função comunicativa.

NOTAS

- 1 — De «varieties» em Inglês. As traduções para o português são de responsabilidade da autora deste artigo.
- 2 — «Discourse medium» refere-se ao tipo de linguagem usada na situação comunicativa, escrita, falada, televisada.
- 3 — Do inglês «graphetics».
- 4 — O desdobramento da sigla em inglês é respectivamente: double-income, no-kids couples, upper-DINKS e lower-DINKS.
- 5 — TIPS, em inglês «tiny-income, parents supporting».
- 6 — NINKS, em inglês «no-income, no-kids».

BIBLIOGRAFIA

- CRYSTAL, David and DAVY, Derek (1969). **Investigating English Style**. Longman Group Limited, London.
- ——— (1974). **Advanced Conversational English**. Longman Group Limited, London.
- EDMONDSON, Willis (1981). **Spoken Discourse: a model for analysis**. Longman Group Limited, Essex, U. K.
- GUMPERZ, John, and Deborah Tannen. (1979). Individual and social differences in language use. Individual differences in language ability and language behavior, ed. by Charles Fillmore, Daniel Kempler e William Wang, 305-325. New York: Academic Press.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985). **An Introduction to Function grammar**. Edward Arnold Publishers, London.
- SINCLAIR, J. Mc. H. and COULTHARD, R. M. (1975). **Towards an Analysis of Discourse**. Oxford University Press, London.
- TANNEN, Deborah (1982). Analysing discourse: text and talk. In, **Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics**. 1981.